

Entre o cotidiano e o sublime: as fronteiras do lírico em Carlos Drummond de Andrade

Thaís Sampaio Mattana*

Resumo:

Esse trabalho visa aplicar ao poema O Mito, de Carlos Drummond de Andrade, a hipótese levantada por Erich Auerbach de que a contradição entre a intenção problemática e a referência vulgar inspira o discurso ambivalente dos estilos “mesclados”. Constatou-se que a maioria dos poemas com temas cotidianos em Drummond possui estilo mesclado. Essa relação entre o cotidiano e o sublime seria um ranço da tradição antiga da separação de estilos, que pregava a descrição realista do cotidiano como inconciliável com o sublime e só teria lugar no cômico. Dessa forma, apenas a mescla de estilos possibilita a impregnação da vida cotidiana com substância conflitiva.

Trata-se de uma leitura de um dos poemas de A Rosa do Povo (1945), “O Mito” de Carlos Drummond de Andrade. Tal pesquisa pretende aplicar a teoria de Auerbach de que a contradição entre a intenção problemática e a referência vulgar inspiram o discurso ambivalente dos estilos mesclados, já constatada por Merquior .

Na literatura greco-latina nota-se uma rígida distinção de estilos. Os assuntos considerados elevados recebiam tratamento sério. Por essa razão, os protagonistas das tragédias e epopéias são sempre homens de caráter nobre, superior. Essa idéia está no cerne da regra de separação de estilos que estabelecia que a descrição realista do cotidiano era inconciliável com o sublime, e só teria lugar no cômico, ou, raramente, no idílico.

A partir do Romantismo, a divisão de estilos enfraquece, visto que esse movimento é caracterizado pela ascensão da burguesia. Essa classe social, seus hábitos, costumes e linguagem ingressam no teatro, no romance e na poesia. A interferência do burguês na narração épica e na tragédia dá lugar ao romance e ao drama, respectivamente, enquanto que a poesia se simplifica e se sentimentaliza. No final do século XIX, Baudelaire contribui com essa renovação estilística impregnando a vida cotidiana com substância conflitiva. Assim, a relação entre o cotidiano e o sublime pode ser lida como um resquício da tradição da separação de estilos, subvertida pela poesia moderna.

Carlos Drummond de Andrade, poeta mineiro nascido em 1902, em um dos poemas de A Rosa do Povo, “O Mito”, situa e versa no cotidiano uma questão fundamental, que está na base da filosofia ocidental: o mito. A noção de mito pode ser empregada em várias acepções, e qualquer definição implica em algumas opções metodológicas. Usando um conceito de Eliade, mito é a “narração daquilo que os

* Aluna de graduação e bolsista de iniciação científica do CNPq. Esse trabalho está vinculado ao Projeto Integrado de Pesquisa “A poesia, a crítica e o exercício da modernidade no Brasil”, desenvolvido no Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino César da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientação da Prof. Dra. Maria do Carmo Campos.

deuses ou heróis civilizadores fizeram no início do Tempo”, é a “narração de uma criação”.

O poema de Drummond, composto por 45 quadras e um dístico, vai de encontro a esse conceito, pois ele narra concomitantemente a criação e a destruição do mesmo mito. Há um duplo movimento: enquanto o poema se faz, o mito se destrói. Os heróis míticos pertencem à esfera do sagrado, e Fulana à do profano. Assim, ao usar referências vulgares para caracterizar Fulana, o poeta dessacraliza a noção clássica de mito, questionando os valores éticos e estéticos da sociedade atual.

Por outro lado, o poema é, sim, uma narração do início do Tempo: do tempo da industrialização. Essa dessacralização corresponde a uma certa coisificação da personagem. Assim pode-se traçar uma analogia entre o mito e a industrialização. A maioria dos mitos gregos são relativos a divindades que dispõem de poderes sobrenaturais. Fulana adquire esse poder ao se igualar à máquina:

Fulana é toda dinâmica,
tem um motor na barriga.
Suas unhas são elétricas,
seus beijos refrigerados,

desinfetados, gravados
em máquina multilite.
Fulana, como é sadia!
Os enfermos somos nós.

Essa mulher moderna, industrializada já não possui um ventre, possui um motor na barriga. Essas quadras contradizem um verso anterior: Fulana é vida, ama as flores/ as artérias e as debêntures. Inicia-se um mecanismo de reversão de dualidades presentes no decorrer de todo o poema, como vida/máquina, saúde/doença, sucesso/fracasso... Numa concepção usual, levando em consideração a aproximação da personagem à máquina, Fulana não seria considerada um exemplo de vida e saúde, mas de enfermidade. Esse é o principal fator responsável pela ironia da obra.

Ao contrário do que se poderia pensar ao ler o título do poema, há uma desmitificação que se dá através das várias dualidades coexistentes. Isso pode ser notado, primeiramente na forma do poema, composto essencialmente por quadras. A redondilha maior é a forma popular por excelência, mas também é a base do soneto. Essa coexistência do popular e do erudito também é observável pelo léxico utilizado. Palavras cultas como *fidúcia*, *ornatos*, *pungir*,... são utilizadas ao lado de *chispando*, *escavacar*, *chatear* ... , sendo que os últimos vocábulos, desligados do seu contexto, poderiam ser encontrados em qualquer conversação comum, em baixo estilo. Essa fusão antitética também está presente em Fulana, que diz marxismo e rimmel, é vida máquina, é feita de pedra translúcida,/ de ausência e ruivos ornatos. O próprio poeta se nutre de Camões e de Capim, aludindo ao maior nome da poesia em língua portuguesa ao lado do alimento do “burro”, lê Petrarca e se atrai por Fulana, “de tão burro esplendor”. Fulana destrói o mito do amor petrarquista.

Sou eu, o poeta precário
 que fez de Fulana um mito,
 nutrindo-me de Petrarca,
 Ronsard, Camões e Capim;

que a sei embebida em leite,
 carne, tomate, ginástica,
 e lhe colo metafísicas,
 enigmas, causas primeiras.

Ao escolher o nome de seu mito, o poeta ressalta a desimportância do próprio nome nos tempos modernos. Fulana é uma mulher anônima, de certo modo, representante de uma coletividade, assim como o herói épico. Não obstante, o poeta não celebra o seu mito. Ao contrário, ele ameaça o mito da mulher e do amor cortês. O eu lírico critica e ironiza sua própria criação. Eliade também afirma que a função mais importante do mito é a de “fixar” os modelos exemplares. Drummond subverte isso ao desmitificar Fulana, problematizando o próprio valor de culto do mito, ironizando os efeitos classicamente atribuídos ao “sagrado” num mundo virtualmente dessacralizado pela técnica e pela indústria.

No entanto, apesar de caracterizar Fulana como uma mulher fútil, o poeta não consegue esquecê-la:

E são onze horas da noite,
 são onze rodas de chope,
 onze vezes dei a volta
 de minha sede; e Fulana

talvez dance no cassino
 ou, e será mais provável,
 talvez beije no Leblon,
 ou talvez se banhe na Cólquida;

talvez se pinte no espelho
 do táxi; talvez aplauda
 certa peça miserável
 num teatro barroco e louco;

talvez cruze a perna e beba,
 talvez corte figurinhas,
 talvez fume de piteira,
 talvez ria, talvez minta.

Esse insuportável riso
de Fulana de mil dentes
(anúncio de dentifrício)
é faca me escavacando.

As anáforas reforçam a obsessão do poeta pelo amor da “musa”, que, gradativamente, vai recebendo referências cada vez mais vulgares, como a comparação entre o seu sorriso e os rostos de anúncios publicitários. Apesar de sua instrução, o poeta é fascinado pela beleza estereotipada da musa. Nota-se a clarividência do poeta nesta última estrofe citada, onde há uma aproximação da mulher com a mercadoria, (anúncio de dentifrício). Tal fato é ainda mais evidente hoje, quando a imagem feminina está ainda mais ligada à publicidade de diversas mercadorias, cigarro, cerveja, revistas, etc. Além disso, essa beleza estereotipada da mulher embebida em leite, / carne, tomate, ginástica é muito semelhante ao padrão de beleza da top model atual. A crítica a este conceito de belo chega ao grotesco no poema com a já mencionada mecanização da mulher.

Outro indício da vulgarização do sublime é a passagem relativa ao suicídio. A única alternativa digna e sublime para o amor não-correspondido no Romantismo é satirizada pelo poeta pelo seu desejo de feder para Fulana. Encontra-se aí outra dicotomia: a do corpo. Este é beleza e excrescência.

Quero morrer sufocado,
Quero das mortes a hedionda,
Quero voltar repelido
Pela salsugem do largo,

Já sem cabeça e sem perna,
À porta do apartamento,
Para feder: de propósito,
Somente para a Fulana.

E Fulana apelará
Para os frascos de perfume.
Abre-os todos : mas de todos
Eu salto, e ofendo, e sujo.

Até a trigésima nona estrofe o poeta constrói e destrói um mito. Depois, quebra o ritmo com a conjunção adversativa mas, passando a construir uma Fulana que não/ essa de burguês sorriso/ e de tão burro esplendor. Esse novo mito de mulher, apesar de sofrer algumas modificações (o nome, o traje), também é idealizado. O eu lírico a transporta para um mundo novo, também mítico, sem classe e imposto,/ de contradições extintas. É relevante que nesse novo mundo o poeta abole a cidade, enquanto que o poema é eminentemente urbano. E lhe dou todas as faces/ de meu sonho que especula;/ e abolimos a cidade/ já sem peso e nitidez. Nesse mundo, o eu lírico se

igual a ao mito (somos uma mesma coisa) e alcança a fusão entre ele e Fulana pelo apagamento das diferenças entre ambos.

Assim, em O Mito tanto o humilitas quanto o sublimitas, para usar a nomenclatura de Auerbach, aparecem amiúde em contraste antitético. Carlos Drummond de Andrade se vale do efeito irônico causado para criticar a sociedade contemporânea e os efeitos da modernização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1969). *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio.

AUERBACH, Erich (1971). *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Ed. Da USP,: Perspectiva.

ELIADE, Mircea (1994). *Mito e realidade*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva.

MERQUIOR, José Guilherme (1975). *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio.

